

Analistas veem piora do cenário de riscos para a próxima década

Crises climática e ambiental são as principais ameaças, aponta relatório

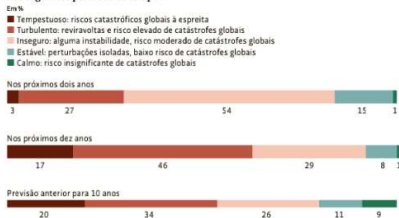
FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL

Luciana Coelho

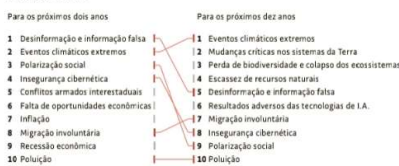
SÃO PAULO A percepção de riscos globais para os próximos dez anos se deteriorou significativamente ao longo dos últimos meses, e as crises do clima e do ambiente encabeçam a lista de problemas, mostra um relatório sobre o tema. Segundo a 19ª edição do Global Risks Report, produzida pelo Fórum Econômico Mundial com o grupo Zurich de seguros e consultoria Marsh McLennan, 67% dos especialistas prevêem um cenário "tempestuoso" (com "riscos catastróficos à espreita") ou "turbulento" (revoluções e risco elevado de catástrofes globais). No ano passado, essas eram as expectativas de 54% dos entrevistados. Em contrapartida, a percepção de riscos no curto prazo (dois anos) melhorou após três anos de pandemia, mais de dois de guerras e várias das escaramuças comerciais e econômicas. São 37% os que classificam como tempestuoso ou turbulento o cenário de curto prazo, ante 62% os que o faziam no ano passado, no auge da Guerra da Ucrânia e das tensões entre EUA e China. Foram ouvidos durante setembro 1.400 analistas de riscos, líderes políticos e líderes industriais para o levantamento, lançado às vésperas do encontro anual do fórum, que ocorre na próxima semana, em Davos, na Suíça.

Percepção de risco na década piora, com crises ambientais no topo

Qual das seguintes opções melhor caracteriza as suas perspectivas para o mundo nos seguintes períodos de tempo?



Principais riscos



Os percentuais de respostas foram arredondados. Fonte: World Economic Forum Global Risks Perception Survey 2023-2024. A pesquisa ouviu 1.400 especialistas em riscos globais, líderes políticos e industriais em setembro de 2023.

Para 54% deles, o cenário é de insegurança ("instabilidade e risco moderado") nos próximos dois anos, um contingente que cai para 29% quando a pergunta se refere a dez anos.

Apenas 15% esperam estabilidade ("perturbações isoladas e baixo risco de catástrofes") no biênio, e 8%, na década. Os que vislumbram um horizonte "calmo" ("risco insignificante") são apenas 1% para ambos os períodos. No ano passado, 4% anteviam calma em dez anos, e 11%, estabilidade.

Os eventos climáticos extremos (secas, inundações, tempestades, furacões, degelo, nevascas etc.) são a principal preocupação imediata e também o risco mais grave no cenário de dez anos, mostra o relatório.

Na terça (9), o Serviço Cooperativo de Mudança do Clima da União Europeia, oficializou 2023 como o ano mais quente da história e alertou um aumento de 1,48°C na temperatura global em 250 anos, no limite do que cientistas e diplomatas fixaram como patamar máximo para lidar com a crise — o que ilustra a dificuldade de conter.

Estão relacionados ao clima e ao ambiente os quatro riscos mais citados para a década, como a escassez de recursos naturais e a perda de biodiversidade.

Em um indicio dos temores que se avolumam com a campanha eleitoral americana deste ano, dado o histórico dos últimos ciclos somado à popularização das ferramentas de inteligência artificial, a desinformação foi o problema mais citado no curto prazo, seguida pelos eventos climáticos extremos.

Esse item aparece apenas em quinto lugar no cenário de dez anos, mas é imediatamente seguido pelos efeitos adversos da IA, que não consta na lista mais iminente. A "confrontação geopolítica" — uma forma de des-

crever os atritos entre EUA e China — nem sequer está nas listas deste ano, talvez um sinal de que tenham sido naturalizadas ou de fato o pragmatismo prevaleça. No relatório anterior, eram o terceiro maior problema no curto prazo e o nono no longo.

O relatório também chama a atenção para as mudanças demográficas, seja nas migrações forçadas, seja na alteração da estrutura populacional, com aumento da proporção de idosos. É um problema que o Brasil confrontará nos próximos anos com o fim do chamado "bônus demográfico" (quando a população economicamente ativa é grande o suficiente para absorver os custos da população inativa).

Por fim, surge a preocupação com mudanças "geoeconômicas", que é como o documento descreve as novas relações políticas, comerciais e financeiras entre os países, além da concentração e distribuição de recursos. A fricção EUA-China, os alinhamentos a partir da Guerra da Ucrânia e as novas alianças derivadas do avanço do nacionalismo alimentam esse risco.

Tais tendências, alerta o relatório, devem ser catalisadas pela tecnologia (notadamente a IA) e, assim, fomentar novos riscos de segurança.

30% consideram "tempestuoso" (com "riscos catastróficos à espreita") ou "turbulento" (revoluções e risco elevado de catástrofes globais) o cenário de curto prazo (dois anos), ante 62% os que o faziam em 2023, no auge da Guerra da Ucrânia e das tensões EUA-China.

63% veem cenário "tempestuoso" ou "turbulento" para dez anos

Adversidades climáticas já fazem Brasil perder 11 milhões de toneladas de grãos nesta safra



Colheita de soja em Ponta Grossa, no Paraná; estado é um dos que terão safra menor de grãos. Repórter Brasil - 10. jan. 23 / Reuters

AGROFOLHA

Mauzo Zafalon

SÃO PAULO A safra ainda está no começo, e os estragos provocados pelas adversidades climáticas já fazem o país perder 11 milhões de toneladas de grãos, em relação ao potencial produtivo esperado em outubro.

A cada mês que passa, a Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) vem atualizando o potencial total de produção. Em outubro, eram de 375,5 milhões de toneladas. Nesta quarta (9), o volume foi reavaliado para 366,4 milhões.

O Rio Grande do Sul, Ceará, Roraima, Amazonas e Pará, todos com participações restritas na produção nacional, terão aumento no volume a ser produ-

zido. O Rio, o menor produtor nacional, manterá o volume. O Rio Grande do Sul, terceiro maior produtor nacional, deverá elevar a produção de grãos para 39 milhões de toneladas, um volume 41% superior ao de 2023, mas ainda 2 milhões abaixo do previsto em outubro.

As condições climáticas são desfavoráveis para os dois principais itens da produção agrícola brasileira: soja e milho. A produção de soja, estimada inicialmente em 164 milhões de toneladas, cai para 153 milhões, conforme as previsões mais recentes da Conab.

Esses dados levam em consideração o desempenho das lavouras até o fim de dezembro. O El Niño, no entanto, favorece o que vem prevendo a queda de 17,6 milhões. A safra, a principal do país, terá

redução de 4,5% na área e de 11% no volume. O líder Mato Grosso, que obteve 51 milhões de toneladas na segunda safra do ano passado, tem produção prevista, por ora, de 45 milhões. A safra de inverno, a chamada safra seca, será semeada após a colheita de soja.

O clima afeta também os produtos básicos. A primeira safra de feijão terá quebra de 4% no volume, que recua para 4% mil toneladas. A de arroz foi reajustada para 12,7 milhões, uma pequena redução, mas ainda em volume superior ao de 2023.

O IBGE também fez suas projeções de safra para 2024. O volume total de grãos será de 365,3 milhões, 2 milhões a menos do que estimava em outubro. O instituto eleva a produção de soja para 154 milhões de toneladas, 1,8% a mais do que previa antes, e reduz a de milho para 117 milhões, uma queda de 1,4%.

O volume previsto de grãos ainda é confortável para o consumo do país. O recorde de exportação de 122 milhões de toneladas de soja em 2023, porém, não deverá ser repetido.

A primeira posição no ranking mundial de milho também deverá ser perdida, principalmente porque o consumo interno cresce com a evolução da produção de proteínas e do aumento da moagem do cereal para a produção de etanol.

Em 2023, o país gerou receitas externas de US\$ 167 bilhões no setor de agropecuária, um valor que dificilmente voltará a ocorrer neste ano. Os números foram apurados pela Folha com base nas vendas de alimentos e de outros produtos relacionados ao setor.

Um aumento das receitas ocorreria com elevação dos preços internacionais, o que, por ora, não está no radar do mercado. Apesar de estimativas de restrições na produção brasileira, outras regiões produtoras, como a Argentina, se recuperaram de perdas do ano passado.

Zuckerberg criará no Havaí gado que come macadâmia

SÃO PAULO Mark Zuckerberg usou seu perfil do Facebook para anunciar aos fãs seu novo empreendimento: criação de gado.

O dono da Meta revelou que começou a criar gado das raças wagyu e Angus em seu rancho em Kauai, no Havaí.

"Meu objetivo é produzir uma das carnes de melhor qualidade do mundo", escreveu Zuckerberg.

De acordo com ele, o gado vai ser alimentado com macadâmia e ceeja que também são produzidas no rancho.

O bilionário quer que a produção seja totalmente local e verticalizada, portanto todo o processo será feito em sua propriedade e com a ajuda de sua família.

"Minhas filhas ajudam a plantar a macadâmia e cuidar de nossos vários animais. Ainda estamos no início da jornada e é divertido melhorar a cada temporada", escreveu Mark.

"De todos os meus projetos, esse é o mais delicioso", concluiu, posando com uma saculenta costela bovina.

Zuckerberg com prato de carne de seu rancho, no Havaí. Reprodução Facebook